

John Muir e a paixão moderna pela natureza*

Donald Worster*

Se seguíssemos John Muir por muito tempo, envelheceríamos com sua tagarelice. O homem nunca parou de falar e falava com quem quer que fosse – fazendeiros brancos, negros libertos, mulheres de todas as idades, hordas de crianças, pastores, uma canoa repleta de tinglites navegando ao longo da costa do Alasca. Muitos deles falavam e falavam apaixonadamente sobre a natureza.

No verão de 1877, Muir partiu das planícies poeirentas de Pasadena, Califórnia, para escalar o que ele chamava de “pequeno poema silvestre” nas abas das Montanhas San Gabriel. Pelo caminho, encontrou um imigrante mexicano acampado nos bancos de Eaton Creek; previsivelmente, Muir começou uma conversa com aquele estrangeiro que seguiu noite adentro. Num inglês lento, o acampado falou sobre seu sonho de colonizar aquela região de carvalhos, irrigar um vinhedo e coletar mel. Desde que deixou sua terra nativa, iniciou grandes negócios – caçadas, escavações e minerações através do sudeste – mas, agora, estava pronto para construir seu próprio lar naquele paraíso, pronto para “fazer dinheiro e casar com uma mulher hispânica.”^{cxxxi}

Muir ficou emocionado com o sonho daquele homem, um sonho que antecipava o seu próprio. Três anos depois encontrou-se casado e radicado no norte do vale da Califórnia, cuidando de suas crianças e de suas cestas de frutas. Os dois homens tinham mais em comum do que o amor pela conversa e um futuro de casamento e dinheiro; Muir sentiu em seu anfitrião uma paixão compartilhada por montanhas, riachos e terraços de flores selvagens repletas de abelhas barulhentas.

A paixão pela natureza pode ainda unir populações por entre recortes de raça, de classe e de gênero. Em qualquer final de semana, milhares de californianos de todas as esferas sociais dirigem-se aos cânions, observam raposas correndo através de trilhos de ferrovias, farejando o aroma da artemísia,

* Tradução de Jó Klanovicz : doutorando em História no PG-HST-UFSC, tendo pesquisa voltada à História Ambiental das regiões produtoras de frutas de clima temperado no sul do Brasil. O texto traduzido teve pequenas alterações com relação ao texto original, publicado na *Environmental History Review*, volume 10, n.1, jan. 2005, publicação da American Society for Environmental History, Carolina do Norte, EUA.

*Donald Worster é Professor de História Ambiental e de História Americana na University of Kansas.

procurando por estrelas nas imediações da cidade. A despeito de suas diferenças, a natureza proporciona um tema comum de conversação para aquelas pessoas – um mundo que não foi criado por eles, mas que está repleto de experiências, um *flash* de selvageria primitiva que atíça paixões comuns e dissolve categorias sociais.

Voltando à natureza, é necessário dizer que ela se tornou um dos principais temas no mundo moderno. Isso criou inúmeras conseqüências visíveis, incluindo, por exemplo, a preservação do Eaton Canyon como parque nacional e das Montanhas San Gabriel como uma floresta nacional. Preservar a natureza (um movimento que certamente encontra em Muir um dos seus fundadores) tornou-se tanto uma preocupação nacional [norte-americana] quanto global. Intelectuais têm escrito muitos trabalhos sobre a história desse movimento, mas nenhum adequadamente explicou a motivação que o envolve. É a biologia ou a cultura que nos empurra para a natureza? E se é a cultura, ou um comportamento aprendido, qual seria nosso aprendizado comum?

Em sua autobiografia *My boyhood and youth*, Muir enfatizou que seu entusiasmo pela natureza foi presente desde sua infância, derivando, sentia, de uma “selvageria natural inerente ao nosso sangue.”^{cxxxii} Ignorante dos debates filosóficos modernos entre os cognitivistas e os fisiologistas, Muir antecipava as visões dos últimos, argumentando que nascera com um instinto que o movia da civilização, um impulso sobre o qual ele tinha pouco controle racional^{cxxxiii}.

Muir estava certo em assumir que as paixões humanas, incluindo a paixão pela natureza, são as últimas partes construídas culturalmente em nossas mentes; elas podem transcender modismos intelectuais ou condições sociais. Mas a psicologia evolucionista não estava preparada, creio eu, nem está agora, para nos dar uma explanação completa sobre aqueles sentimentos^{cxxxiv}. Algum dia a ciência pode ter uma informação definitiva sobre aquela “selvageria natural inerente ao nosso sangue”, mas duvido que a ciência nos fornecerá mais do que um meio-caminho do entendimento que dirigiu Muir à natureza. Temos de admitir que a natureza em si e as paixões humanas são deslocadas e condicionadas por forças da cultura, da aprendizagem e da história.

Minha proposta é examinar a influência das forças culturais sobre a paixão de John Muir: particularmente, quero sugerir que o papel das idéias e dos sentimentos associados com o nascimento da democracia moderna podem ter desempenhado um papel importante em sua paixão pela natureza. Argumento que sua paixão convergia, de um modo que não apreciamos plenamente, para idéias de igualdade nascidas da cultura democrática moderna. Sugiro, dessa forma, que, da mesma forma que a democracia foi profundamente afetada – e comprometida – pela emergência de novas formas de riqueza e de poder, a paixão de Muir pela natureza foi reposicionada, em seus últimos anos pelo seu sucesso pessoal dentro da ordem social.

Muir nasceu em 1838 na vila pesqueira de Dunbar, Escócia, região de North Sea. Durante as décadas que precederam seu nascimento um impulso

cultural poderoso começou a direcionar a civilização ocidental a controlar a natureza selvagem, um movimento que se tornou um dos principais formadores das emoções modernas. Historiadores têm buscado explicar esse impulso em termos demarcados – voltados ao nascimento das ciências naturais, ao Romantismo, ao Transcendentalismo, ou à busca do sublime^{cxxxv}. Ou eles voltaram suas explicações às forças materiais que transformaram o modo de vida das pessoas, criando uma economia de abundância. Aldo Leopold, grande conservacionista de Wisconsin, sintetizou ambas as explicações com seu modo característico: “Coisas selvagens... têm pouco valor humano até que a mecanização garantiu a nós um bom café da manhã e até que a ciência descortinou o drama de onde que elas surgiram e como elas vivem^{cxxxvi}”.

A fórmula leopoldiana, que aponta para as forças modernizadoras da tecnologia e da ciência, parece, a primeira vista, explicar muito bem as idéias de Muir. No ano de seu nascimento, o progresso tecnológico e a riqueza que ele fez possível transformou radicalmente as terras baixas da Escócia a tal ponto, que ele nunca percebeu uma luta pela sobrevivência. Seus pais e avós, que eram açougueiros urbanos e mercadores de grãos, não precisavam se preocupar com o café da manhã. O garoto foi criado livre para o progresso material para induzir sua paixão por coisas selvagens^{cxxxvii}.

Certamente, a família de Muir não era verdadeiramente rica ou livre. Depois de migrar para uma fazenda de fronteira em Wisconsin, deitaram-se sobre muito trabalho pesado e John, em particular, gastou mais do que a metade de sua vida em alguma forma de trabalho braçal. Até os 42 anos de idade, não tinha acumulado muita riqueza, embora já fosse antiga sua paixão pela natureza. Ela, entretanto, não derivou mecânica ou simplesmente, como sugere Aldo Leopold, de uma condição de prosperidade individual ou do nível de desenvolvimento econômico da sociedade.

O que resta sobre as influências intelectuais – o drama da natureza revelada pela arte, pela filosofia, ou pela ciência moderna? Foram alguns livros, científicos ou de poesia, que despertaram esses sentimentos? Novamente, a explicação pode ser plausível até certo ponto. Quando Muir ingressou na Wisconsin State University em 1861 ele escolheu seguir um curriculum científico, matriculando-se em disciplinas de filosofia natural e de química. Eventualmente, por meio da influência de um colega estudante, voltou-se à botânica e, durante os intervalos escolares, devotou-se à coleta de plantas praieiras – suas primeiras excursões adultas à natureza. A ciência permaneceu por muito tempo um hobby, e a curiosidade sobre os fatos científicos e explicações voltaram-se também a esse tema. Muir rejeitou a ciência como profissão, temendo que os profissionais poderiam pensar que a sua paixão era excessiva, acrítica e irracional. Entendeu-se a si mesmo como um naturalista amador, antes de tudo um amante da natureza mais do que um colecionador de fatos ou arquiteto de teorias^{cxxxviii}.

Temos que atentar para influências culturais mais profundas que a ciência ou a tecnologia, que livros ou afluências, para as menores influências materiais e elitistas que não tinham sido identificadas pelos professores de Muir. Um ponto vital origina-se do primeiro trabalho escrito de Muir durante uma trilha de mais de mil milhas que fez ao Golfo do México, com 29 anos. Aquele artigo é vibrante a cada página, repleto de sentimentos de libertação pessoal. Ele despiu-se de qualquer ansiedade com relação a sua carreira, suas obrigações com a família, e todas as questões que diziam respeito à lealdades nacionais que o atormentaram durante a Guerra Civil. Nunca mais, estava decidido, participaria de qualquer grupo religioso; o artigo pode ser lido, como outras coisas, como uma fuga da Cristandade tradicional, que o havia preso a doutrinas bíblicas convencionais.

Perto do fim de sua jornada, enquanto recuperava-se de malária contraída quando cruzava o pântano na Florida, Muir compôs uma de suas citações mais famosas:

Uma classe numerosa de homens estão dolorosamente estupefatos mesmo quando eles encontram qualquer coisa viva ou morta, em todo o universo de Deus, com a qual eles não podem comer ou transformar de algum modo para que se torne útil a si mesmos. ... Seu Deus... é interpretado como um gentil homem civilizado, seguidor das leis em favor tanto de uma forma republicana de governo ou de uma monarquia limitada; crenças na literatura e na língua da Inglaterra; é um defensor da constituição inglesa e das escolas dominicais e sociedades missionárias; e é puramente um artigo manufaturado como um pequeno objeto de um teatro fajuto^{cxxxix}.

Note-se o tom quase amargo no texto de Muir. Ele está atacando a conformidade inglesa e as atitudes condescendentes com relação às populações inferiores (particularmente, podemos entender, os nativos da Escócia), e ele está ligando aquele imperialismo cultural inglês com uma assumida superioridade humana sobre outras formas de vida.

Cada espécie, Muir começa a perceber, demanda respeito, e cada criatura tem o direito de viver e buscar a felicidade. Cada forma de vida, como cada grupo social, é igual perante o Criador; por conseguinte, todas as *speciesarein* são em certo sentido pessoas – nesse longo caminho, por exemplo, Muir fala dos pássaros como se fossem pessoas aprisionadas^{cxl}. Como ele caminha cada vez mais rápido para o sul, reafirmava sua primeira e juvenil visão de natureza e o que encontrou por trás dela foi um profundo sentimento político, desenvolvido a partir de uma rebelião pessoal contra tradições de poder e de relações sociais, ligadas aos ressentimentos de um escocês dominado pela Inglaterra.

A paixão de John Muir pela natureza emergiu exatamente quando um novo espírito de igualitarismo solapou a Escócia, a Inglaterra, o continente europeu, a América do Norte – uma paixão que não desapareceu mas que pode se espalhar para outras regiões. Olhar Muir como uma criança daquele nascente

igualitarismo ou cultura democrática é onde devemos começar para interpretá-lo e seu legado.

Isso não significa que Muir foi um ativista político em um sentido comum. Ele nunca estabeleceu qualquer identidade partidária clara nem deixou qualquer recordação de voto numa eleição. Seu igualitarismo foi mais uma questão de temperamento, uma atitude para com todos e tudo a sua volta do que um programa ou ideologia de política partidária convencional. Partindo de uma rebelião visceral contra o poder e contra a autoridade, contra relações fixas de classe e de gênero, contra a subordinação do indivíduo pela sociedade, ele se tornou um advogado igualitarista da natureza.

Podemos interpretar Muir melhor depois de ler a obra-prima do grande filósofo político do século XIX, Aléxis de Tocqueville. Em 1835 e 1840, Tocqueville publicou uma tradução inglesa de sua obra de dois volumes *Democracy in América*. (Aqueles anos chocam-se exatamente com o nascimento de Muir em 1838). Um membro da aristocracia francesa, Tocqueville buscou entender a “revolução irreversível” que tirou pessoas como ele do poder, quebrando as amarras das relações feudais, e desafiando os privilégios dos nascimentos nobres. Em sentido amplo, buscar a “igualdade de condições” era o que ele entendia por “democracia”. Isso se daria através da abertura de uma nova era ao talento, uma nova era de liberdade individual e de oportunidade.

O que a democracia implicaria para outro mundo que não o humano foi apenas um rastro na sua atenção, e ele não buscava compreender essas complexidades. Viajando por todo o país, observou que a população comum, dada à chance de melhorar seu status social, tornou-se uma força ambiental incapaz de ser controlada: “Os americanos recém chegaram na terra em que vivem, e já controlaram a natureza a sua volta”^{cxli}. Considerava o fato de que a democracia criara um apetite voraz pela propriedade da terra, pelo crescimento econômico, da produção e do consumo, um apetite que provocava profundas transformações na terra.

Negando uma destruição ambiental, Tocqueville, num capítulo raramente citado do segundo volume, sugeriu que a democracia também encorajou um forte sentimento pela natureza, um sentimento que era religioso, de certa forma. A tendência filosófica da democracia, argumentava, era amenizar as doutrinas tradicionais do cristianismo e colocar em seu lugar uma nova religião da natureza, ou o que ele denominou de “panteísmo”. “Não se pode negar”, escreve Tocqueville, “que o panteísmo fez grandes progressos em nosso tempo”^{cxlii}.

Para um homem criado nas instituições hierárquicas do catolicismo romano, essa tendência panteísta era um dos maiores riscos postos pela democracia. Tocqueville solenemente advertia, “todos aqueles que ainda apreciam a verdadeira natureza da grandeza do homem deveriam juntar-se para combatê-lo”^{cxliii}. Ele temia exatamente o que Jonh Muir esperava que iria

acontecer: que a barreira judaico-cristã entre humanos e não-humanos pudesse desaparecer.

Dessa forma, um grande paradoxo persistia no coração do relacionamento entre democracia e natureza. Enquanto a democracia era tremendamente destrutiva ao ambiente, ao mesmo tempo encorajava as pessoas a buscar pela natureza, tanto nas tradições de autoridade da igreja, como fonte de ordem, virtude, espiritualidade e valor. A democracia apaixonou-se pela natureza e o panteísmo era sua verdadeira religião.

O Panteísmo é uma crença antiga de que Deus não é alguém transcendente, um patriarca que supervisiona o mundo abaixo dele. Deus vive na Terra, dentro da natureza – um poder indivisível, uma força criativa, uma fonte de energia. O ressurgimento do Panteísmo no início do período moderno, que ainda crescia na época em que Muir crescia, não foi apenas um modismo intelectual (criando estilos como o Romantismo ou o Transcendentalismo), uma moda que passou rapidamente. Ele tocava todas as classes sociais. Afetou, certamente, muitos intelectuais – Wordsworth, Goethe, Lamartine, Scott, Burns, Thoreau, Emerson – mas também muitas pessoas comuns, inclusive os colonizadores que desmataram os Estados Unidos. Afetou, particularmente, todo aquele que estava insatisfeito com o poder da igreja, do clero e de doutrinas antigas. Desiludidos com a religião estabelecida, ou simplesmente buscando libertação de uma teologia muito rígida, pessoas de caris classes e de nacionalidades começaram a voltar sua atenção para a natureza.

Nós deixamos Muir descer a costa da Flórida, descobrindo em si mesmo um sentimento radical de igualdade com todas as criaturas divinas. Sua rebelião não parou por aí. Nos próximos anos envolveu-se em um panteísmo amplo, ou religião da natureza^{cxliv}.

Em 1868, Muir fixou-se na Califórnia. Ele descreveu-se a si mesmo “caminhando com a Natureza pelas planícies, ao longo da grande Sierra Nevada, florestas balsâmicas e montanhas geladas”. Nessas caminhadas, não houve método humano, nem lei, nem regra^{cxlv}. Agora ele sentia-se libertado de todas as noções de ordem impostas imperiosamente sobre a natureza pela racionalidade humana. O que ele encontrava no mundo natural não era velho, nem desordem temerosa, nem caos, mas uma ordem que transcendia o entendimento humano: uma presença divina que duelava com sequóias, com planícies floridas. Enquanto estava-se tornando comum a ele encontrar amigos igualitaristas buscando a divindade no mundo vegetal e animal, Muir sentia-a inclusive no gelo que se desprendia de um pedaço de granito.

Muir continua a usar a palavra “Deus”, “mas o que ele entende pelo termo não é o que seu pai ou outros entendem, o poderoso patriarca do Paraíso. Em uma anotação de diário de 1875 sobre suas viagens a Owens Valley, perto de Sierra, ele escreveu: “Não há sinônimo mais perfeito para Deus do que Beleza. ... Tudo é Beleza^{cxlvi}”. Para Muir, aquele “Tudo” não era apenas uma ordem

estática criada uma vez sobre o tempo por uma mente distante e sem corpo. Era um mundo dentro de um fluxo sem fim. A Terra se move, o gelo escorre sobre a paisagem, plantas e animais se envolvem e se separam. Mas sempre aquele fluxo divino é proposital. Sempre expressa algo de plano ou de ordem. Sempre se move em direção da beleza.

O que os humanos encontraram nessa visão panteísta do mundo? Toda religião oferece alguma crítica ao comportamento humano e apresenta um ideal pelo qual nossas vidas e pensamentos podem ser conformados. Da mesma forma ocorre com o panteísmo de Muir. Ele percebeu-se e aos humanos como um todo como forças sem leis, desordenadamente batendo contra o mundo, humilhando-se, precisando de aprendizado de e para a natureza. Apreciar a beleza natural divina tornou-se sua ética.

Criticando aqueles que falharam em tratar o mundo como um local sagrado, entretanto, Muir não se tornou um pessimista sobre os humanos. Pelo contrário, ele entendia cada indivíduo como seu igual em potencial, capaz de partilhar os mesmos sentimentos sobre a natureza que ele nutria. Nesse otimismo benevolente ele incluía todas as mulheres, crianças e homens.

As visões de Muir sobre os indígenas podem contradizer sua esperança universal sobre a espécie humana; aquelas visões têm sido às vezes entendidas como anti-democráticas, até racistas. É verdade que, como outros igualitaristas brancos de seu tempo, ele, de forma inconsistente, criou distinções hierárquicas entre selvageria e civilização, ou como Muir expõe, entre sujeira e limpeza. Ele foi repellido por “caras sujas” e especialmente pelo degradante estado das tribos nativas remanescentes da Califórnia^{cxlvii}. O jovem Muir lutou contra os preconceitos raciais de sua época e nunca, em quaisquer de seus escritos, publicou, sugeriu que algumas pessoas fossem biologicamente interiores do que outras.

A paixão de Muir pela natureza viveu nele pelo resto de suas vidas e transformou-o num dos maiores escritores da natureza em sua época, seguindo sua migração para West Coast. Mas no sentido que nunca foi bem analisado, aqueles sentimentos pela natureza diminuíram e tornaram-se cada vez mais conservadores e comprometidos com o tempo. Ele nunca repudiou suas visões primeiras, mas depois da década de 1870 aquelas visões passariam por um período de ajustamento, precisamente como Muir citou, depois de encontrar seu amigo imigrante mexicano em Eaton Canyon, “casamento e dinheiro.”

Em 1881, Muir casou-se com Louisa Strentzel, filha única de um casal de fazendeiros em Martinez, Califórnia. Saindo de sua vida de solidão por entre as montanhas, entrou para um mundo de colonização, de prosperidade, um mundo doméstico de classe alta. Feliz por sua mulher e por sua família, devotou suas energias ao seu projeto de acumulação de propriedade e de produção econômica, reiventando-se como um agricultor bem sucedido. Seu sogro deu-lhe uma ajuda substancial, uma parte de seus extensos vinhedos, o que ajudou Muir a construir uma fortuna também substancial. Devido também à vida de sua

mulher – proprietária de uma centena de acres de terra, uma mansão e um grande status na sociedade – ele teve poucas necessidades de recorrer a seus próprios fundos pelo resto de sua vida. Quando morreu, em termos de hoje, sua fortuna passava os 4 milhões de dólares^{cxlviii}.

Como essa espetacular transformação de seu status afetou seu igualitarismo para outras espécies, seu panteísmo e sua paixão pela natureza? Muir nunca perguntou a si próprio essas questões, mas está claro que uma transformação definitiva ocorreu. Como modificaria sua posição sobre a natureza por meio de uma vida cada vez mais afastada do contato com o selvagem? Mesmo manejando a fazenda de Strentzel, Muir passou a maior parte de sua vida dentro de casa. Ele tornou-se um anfitrião genial para seus hóspedes, enquanto nos seus estudos trabalhava sobre seus ensaios e diários de juventude, colando-os com livros populares como *The Mountains of Califórnia* e *My First Summer in the Sierra*.

Nunca mais cogitou em voltar para o que ele chamava de sua verdadeira casa, a selva, Muir fez uma trilha de 20 léguas com uma mochila de chá nas costas e pedaços de pão; entretanto, ele dirigiu com substancial conforto de carro da Pullman. Ficou em hotéis elegantes e em residências privadas de seu novo grupo de amigos, homens como Charles Sprague Sargent, diretor do Harvard's Arnold Arboretum, ou John Hooker, um empresário de Los Angeles. Com Sargent, viajou todo o Alasca, o oeste, o sul e em 1904, através da Europa, Sibéria, e China, onde então dividiram-se e ele foi para a Índia, para o Egito, para a Austrália e para a Nova Zelândia. Poucas anotações dos seus diários foram publicadas durante sua vida, porque ele mesmo as qualificava como meros documentos turísticos, que interpretavam o mundo de um convés de navio^{cxlix}.

Assentado no seu novo modo de vida, Muir teve poucas oportunidades de tomar contato com a diversidade de pessoas que uma vez possuía. Mesmo os companheiros de acampamento tendiam a ser homens brancos ricos como ele: banqueiros, investidores, presidentes americanos, executivos. Entre essas pessoas, Muir sentia uma paixão pela natureza, da mesma forma com que a percebera no mexicano imigrante de Eaton Creek, porém perceptivelmente transformada.

O que seus novos amigos, a maioria novos ricos da economia norte-americana como ele, tendiam a querer da natureza era não um sentimento de simpatia ou igualitarismo entre espécies ou a espiritualidade que emanava dela. Buscavam, sim, cenários de beleza para adornar suas vidas e uma terapia para amenizar a tensão e o nervosismo oriundas dos hábitos de trabalho. Eles satisfaziam a necessidade desses dois cenários através de um movimento que começou no final do século XIX com o objetivo de criar parques nacionais e reservas florestais para salva-los do desenvolvimento comercial. Esses preservacionistas também foram freqüentemente colecionadores de arte; eles colecionavam os melhores trabalhos humanos e da natureza, preservando-os em

espaços semelhantes a museus. A natureza agora aparecia para eles não como um mundo de divindade, mas como um espectro de expressões estéticas, que variavam do grandioso ao mundano; apenas as melhores dessas expressões precisavam aparecer, serem valorizadas, serem preservadas. E em todos esses cenários belos os quais tentaram colecionar e preservar, trataram de providenciar hotéis, ferrovias, rodovias e os confortos físicos da civilização.

Muir era contra a presença de hotéis em parques, mas entre seus amigos aprendeu a canalizar e redirecionar seus sentimentos para com a natureza e, assim como eles, passou a valorizar a natureza mais pelas suas belas expressões. O Yosemite Valley na Califórnia aparecia no topo de sua hierarquia. Ele devotou seus últimos anos para trazer aquele vale novamente para as mãos federais e expandi-lo através de um segundo parque nacional. Outros ambientes californianos que apareciam na sua lista de preservação eram o Kings Canyon no sul da Sierra Nevada e as regiões de sequóia^{cl}.

Para promover a preservação ambiental, Muir ajudou a fundar o Sierra Club, uma associação de voluntários que Tocqueville descreveu como característica de sociedades democráticas^{cli}. O clube, precisa ser dito, incluía muitos indivíduos para os quais a natureza ainda oferecia a maior fonte de sentimentos religiosos, incluindo professores e membros de denominações protestantes. Mas o clube também atraía naturalistas para os quais a paixão pela natureza tornou-se seletiva e exclusiva. Sob a influência do Club, foi possível conservar o melhor da Sierra Nevada, porém não o Central Valley. Eles honraram aqueles “nobres reis”, as sequóias, porém não as outras árvores. Eles buscaram salvar habitat para um elite de mamíferos, tais como bisões, enquanto “espécies inferiores” foram ignoradas. Aquelas espécies da elite da vida e da beleza, argumentam os membros do clube, tornaram-se as “jóias” da nação.

Enquanto Muir e seus aliados do clube trabalhavam para salvar os últimos espaços, uma destruição sem precedentes do habitat natural ocorria em toda a América. O continente tornou-se uma imensa indústria para a produção de petróleo, trigo, automóveis, subúrbios, grandiosos bairros com jardins cuidadosamente desenhados, universidades para a elite e galerias de arte.

Em 1909, quando estava prestes a completar 70 anos, Muir passou vários meses na residência de verão do executivo E. H. Harriman, nas margens do Lago Klamath, no Oregon, uma residência rústica rodeada por pinus e carvalhos. Foi para lá devido à insistência de Harriman, sabendo de que Muir dificilmente escreveria algo novo. Os amigos pressionavam-no para escrever uma autobiografia que inspirasse outros com a história de alguém que ascendeu socialmente de um estado de obscuridade para ser o pastor dos parques nacionais.

Harriman tinha conseguido seu idílico retiro através da expansão de seu império ferroviário da Califórnia para o Noroeste do Pacífico^{clii}. O Lago Klamath oferecia tanto um lugar para caçadas e pescarias como também uma base da qual poderia perceber seu enriquecimento constante. Em 1905, o

governo federal lançou um grande projeto para converter aquela região junto com o Lago Tule em campos irrigados; Harriman percebeu rapidamente que os fazendeiros envolvidos no projeto precisariam de vagões para transportar suas commodities para o mercado. Criar aquela nova agricultura moderna significava destruir um dos mais importantes habitats da vida lacustre da América do Norte. 75% daquelas terras seriam destruídas, e metade da população de pássaros perdida^{cliii}.

Qual foi a reação de Muir àquela destruição ambiental abalizada pelo seu generoso amigo e anfitrião, um dos maiores executivos da indústria ferroviária nacional? Não disse uma palavra, mesmo em seus diários e cartas. Enquanto sentava na varanda de Harriman, tentando lembrar suas primeiras impressões de um “paraíso de pássaros” na Wisconsin de sua infância, não dispensou atenção à perda de vida das aves e do habitat de pássaros que começava a ocorrer poucas milhas dali.

O jovem Muir descobriu a beleza em qualquer local por onde andava, e toda essa beleza era encarada como divina. O velho Muir, ao contrário, tendia a pensar a natureza selvagem em termos de tesouros nacionais espetaculares. Lá, e somente lá, havia uma natureza a ser salva, enquanto em toda a parte a natureza poderia ser sacrificada no nome de fazendas ou minas ou homens e sua civilização industrial.

O jovem Muir adentrou a natureza com pouco dinheiro, usando farrapos, acampando com qualquer pessoa que encontrasse, sem distinguir cor ou classe social. O velho Muir usava roupas finas, ocasionalmente carregando cigarros em estojos finos, e acampava com cavalheiros influentes da nação. O velho amor pela conservação e o cuidado com a amizade não desapareceu, mas agora falava com “cavalheiros civilizados, obedientes às leis em favor da forma republicana de governo ou de uma monarquia limitada.”

Não podemos negar os esforços de Muir para salvar o Yosemite ou outros espaços de beleza inigualável. Certamente estamos melhores com esses locais de preservação oriundos de um desenvolvimento econômico. Inspirados no seu exemplo, norte-americanos têm buscado expandir o sistema de parques nacionais beirando quase a mil unidades, e rapidamente temos expandido nosso senso de o que dentro da natureza precisa ser preservado; muitos daqueles espaços preservados durante o século XX estavam longe de uma natureza sublime – espaços sem montanhas, grandiosidade cênica ou uma megafauna carismática. Um espírito mais igualitarista na preservação surgiu com a inclusão de parques estaduais por Muir, parques municipais e de condados, espaços abertos, trechos de rios e refúgios de vida selvagem. Mais radicalmente, estendeu-se a proteção para quaisquer espécies ameaçadas, até mesmo àquelas minúsculas. Todos aqueles esforços de preservação, protegendo o mais alto e o menos qualificado, o comum e o extraordinário, o obscuro e o carismático tiveram ligações importantes com a idéia de democracia. Nós não aprendemos somente a preservar a natureza em todas as suas formas mas também abrir

aqueles espaços de preservação para quaisquer seres humanos, sem considerar classe ou etnicidade, muito mais além do que nossas universidades, country clubs ou comunidades. Nesse movimento democrático de preservação aprendemos que existe uma obrigação moral para além da espécie humana.

Conhecendo John Muir melhor, podemos perceber como o amor moderno pela natureza começou como parte integrante de um grande movimento também moderno a favor da democracia e da igualdade, que se voltavam contra diversas formas de hierarquias opressivas que dominavam o mundo. Podemos perceber que a luta pelo salvamento de baleias, de florestas tropicais ou até mesmo de um único acre de terra é mais parte de um movimento do que um protesto contra tóxicos ou contra a exploração de uma minoria. A justiça ambiental não diz respeito simplesmente sobre a promoção da igualdade em termos de raça, classe ou gênero; ela tem sido historicamente ligada a uma paixão maior pela natureza, uma ligação que pode ser encontrada em Burns, Wordsworth, Thoreau e Muir e tem origem na “revolução democrática” de Tocqueville.

Os seguidores de Muir bem como seus críticos precisam entender essa ligação histórica e também para perceber aquelas transformações de sentimento e de percepção pelas quais Muir passou durante sua vida. Devemos lembrar de sua paixão ardente, seu papel na preservação de parques e da vida selvagem e a extensão de seus ideais para uma cultura democrática a toda a natureza. Mas também devemos lembra-lo como alguém que nunca se confrontou plenamente com as contradições de sua vida dentro da sociedade democrática – o conflito entre o sonho de igualdade e o crescente poder do dinheiro, entre o materialismo e a virtude, entre os desejos humanos e as responsabilidades. Esses conflitos ainda pairam sobre as democracias, e não encontramos soluções para eles desde a época de Muir. Conhecer Muir melhor talvez sirva para confrontarmos-nos com nossas próprias contradições.

Notas

^{cxxx} MUIR, John. The San Gabriel Mountains. The Writings of John Muir. Boston: Sierra Edition, vol. 8, , Sierra Edition (Boston: Houghton Mifflin, 1918), 147–48. A identidade do companheiro de Muir no acampamento é desconhecida. Uma possibilidade talvez seja Carlos R. Cruz, que um mês depois de Muir levantou um acampamento por onde Muir tinha passado. Cruz, entretanto, era de Monterey, Califórnia, e já era casado e com dois filhos. Ver A History of Eaton Canyon Natural Area and Adjacent Ranches (Pasadena: County of Los Angeles Department of Parks & Recreation, n.d.), 6–7; and Pasadena Star News, 24 February 1923.

^{cxxxii} MUIR, John. My Boyhood and Youth. Writings of John Muir, 4. vol. 1.

^{cxxxiii} Para uma introdução a esse debate, ver SOLOMON, Robert C. (org) Thinking about Feeling: Contemporary Philosophers on Emotions. Oxford: Oxford University Press, 2004.

^{cxxxiv} Um provocativo começo em torno dessa questão é KELLERT, Stephen R.; WILSON, Edward O. he Biophilia Hypothesis. Washington: Island Press, 1993.

- ^{cxxxv} Ver, por exemplo, NICHOLSON, Marjorie Hope. *Mountain Gloom and Mountain Glory: The Development of the Aesthetics of the Infinite* (1959) Seattle: University of Washington Press, 1997; NASH, Roderick Frazier. *Wilderness and the American Mind*. 4.ed. New Haven: Yale University Press, 2001; THOMAS, Keith. *Man and the Natural World: A History of the Modern Sensibility*. New York: Pantheon, 1983; e COATES, Peter. *Nature: Western Attitudes since Ancient Times*. Berkeley/ Los Angeles: University of California Press, 1998), 125–39.
- ^{cxxxvi} LEOPOLD, Aldo. *A Sand County Almanac and Sketches Here and There* (1949) Reimpressão: Oxford University Press, 1987.
- ^{cxxxvii} Não se sabe muito sobre a infância de Muir na Escócia, de 1838 a 1849. As melhores observações sobre o assunto podem ser encontradas em WOLFE, Linnie M. *Son of the Wilderness: The Life of John Muir* (1945). Reimpressão: Madison: University of Wisconsin Press, 1973.
- ^{cxxxviii} Os anos de Muir em Wisconsin, incluindo seus dias na universidade do estado foram descritos por HOLMES, Steve J. *The Young John Muir: An Environmental Biography*. Madison: University of Wisconsin Press, 1999. p. 39–113.
- ^{cxxxix} MUIR, J. *A Thousand-Mile Walk to the Gulf*, vol. 1, *Writings of John Muir*, 354–55. A versão original, que difere um pouco da impressa pode ser encontrada em CHADWYCK-HEALY, The Microform Edition of the John Muir Papers, published by Chadwyck-Healey (1986), rolo 23, folha 111.
- ^{cxl} MUIR, J. *A Thousand-Mile Walk to the Gulf*, 353. Outras espécies, argumenta, “são criaturas companheiras de nossos amigos mortais.”
- ^{cxli} TOCQUEVILLE, Alexis de. *Democracy in America*. Garden City: Anchor Books. 1969, p. 554.
- ^{cxlii} idem, *ibidem*, p. 451–52.
- ^{cxliiii} Idem, p. 452.
- ^{cxliv} A análise do desenvolvimento da religiosidade em Muir pode ser encontrada em STOLL, Mark. *God and John Muir*. In MILLER, Sally M. *John Muir: Life and Work*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1993, p. 65–81; WILLIAMS, Dennis C. *God's Wilds: John Muir's Vision of Nature*. College Station: Texas A&M University Press, 2002; e WORSTER, Donald. *John Muir and the Roots of American Environmentalism. The Wealth of Nature: Environmental History and the Ecological Imagination*. New York: Oxford University Press, 1993. p. 184–202.
- ^{cxlv} Citado por WOLFE, L. M. *John of the Mountains: The Unpublished Journals of John Muir*. Madison: University of Wisconsin Press, 1966.
- ^{cxlvi} MUIR, J. "Additional Notes ... High Sierra," 19 June 1875, In WOLFE, L. M.. *John of the Mountains*, p. 208. 17. MUIR, J. *My First Summer in the Sierra*, vol. 2, *Writings of John Muir*, p. 220.
- ^{cxlvii}
- ^{cxlviii} De acordo com o San Francisco Examiner, de 25 de Janeiro de 1916, o capital de Muir quando morreu em 1914 somava US\$250.000,00, sendo que grande parte desse montante (US\$184.000,00) estavam depositados em um banco de San Francisco, na região de Martinez. Se fôssemos calcular esse montante com base no câmbio atual, a soma seria de US\$4.584.666,00. Ver também DOSCH, Arno. *The Mystery of John Muir's Money*, *Sunset*, 36. Fev. 1916, p. 20–22, 61–62.
- ^{cxlix} BRANCH, Michael P. recentemente publicou os diários de Muir entre 1911 e 1912, intitulado *John Muir's Last Journey: South to the Amazon and East to Africa*. Washington, D.C.: Island Press, 2001.
- ^{cl} O esforço para transformar o Yosemite Valley em parque nacional pode ser interpretado através das obras JONES, Holway R. *John Muir and the Sierra Club: The Battle for Yosemite*. San Francisco: Sierra Club, 1965; e RUNTE, Alfred. *Yosemite: The Embattled Wilderness*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1990.

-
- ^{cli} COHEN, Michael P. *The History of the Sierra Club, 1892–1970*. San Francisco: Sierra Club Books, 1988, 1–37.
- ^{ciii} CADMAN, William J.; CADMAN, LoEtta A. *History of Rocky Point, Oregon*. Klamath Historical Society, *Klamath Echoes* 2 (1965): 21, 48. Ver também KLEIN, Maury. *The Life & Legend of E. H. Harriman*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2000.
- ^{ciiii} Ver LANGSTON, Nancy. *Where Land and Water Meet: A Western Landscape Transformed*. Seattle: University of Washington Press, 2003. p. 83–87; e KITTREDGE, William. *Balancing Water: Restoring the Klamath Basin*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 2000. p. 54–55.